

Ministério da Justiça
Arquivo Nacional

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, v.11, NÚMERO 1/2, JANEIRO/DEZEMBRO 1998

© 1999 by Arquivo Nacional
Rua Azeredo Coutinho, 77
CEP 20230-170 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Justiça

José Carlos Dias

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Editora

Maria do Carmo T. Rainho

Conselho Editorial

Alba Gisele Gouget, Ingrid Beck, Maria do Carmo T. Rainho, Maria Esperança Rezende, Maria Isabel Falcão, Maria Izabel de Oliveira, Nilda Sampaio Barbosa, Sílvia Ninita de Moura Estevão.

Conselho Consultivo

Ana Maria Camargo, Angela Maria de Castro Gomes, Boris Kossoy, Célia Maria Leite Costa, Elizabeth Carvalho, Francisco Falcon, Helena Ferrez, Helena Corrêa Machado, Heloísa Liberalli Belotto, Ilmar Rohloff de Mattos, Jaime Spinelli, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, José Carlos Avelar, José Sebastião Witter, Léa de Aquino, Lena Vânia Pinheiro, Margarida de Souza Neves, Maria Inez Turazzi, Marilena Leite Paes, Regina Maria M. P. Wanderley, Solange Zúñiga.

Edição de Texto

Flávia Roncarati Gomes

Projeto Gráfico

André Villas Boas

Editoração Eletrônica, Capa e Ilustração

Gisele Teixeira de Souza

Foto da Capa

Experiência de Morellet, integrante do Groupe de Recherche d'Art Visuel, 1963.
Correio da Manhã, Arquivo Nacional.

Revisão

Flávia Roncarati Gomes e José Cláudio da Silveira Mattar

Resumos

Flávia Roncarati Gomes

Reprodução Fotográfica

Seção de Microfilmagem e Fotografia

Secretaria

Ana Tereza de Oliveira Scheer

Acervo: revista do Arquivo Nacional. —
v. 11, n. 1-2 (jan./dez. 1998). — Rio de Janeiro: Arquivo
Nacional, 1999.
v.: 26 cm

Semestral
Cada número possui um tema distinto
ISSN 0102-700-X

1. Brasil - História, 1968 I. Arquivo Nacional

CDD 981.062

S U M Á R I O

Apresentação

3

Entrevista

Paulo Affonso Martins de Oliveira

7

1968

Memórias, esquinas e canções

Francisco Carlos Teixeira da Silva

25

1968

O curto ano de todos os desejos

Daniel Aarão Reis

39

Sessenta e Oito Começou Bem Antes

Inimá Simões

57

“E Onde Queres Romântico, Burguês”

Santuza Cambraia Naves

73

Quetão de Ordem

Vanguarda e política na arte brasileira

Franklin Espath Pedroso & Pedro Karp Vasquez

87

Cinema Moderno no Brasil de 1968

Andréa França & Liliane Heynemann

101

A Têmpera da Espada

Os fundamentos do pensamento das lideranças do Exército em 1968

Márcio Scalercio

117

Fotójornalismo Subversivo

1968 revisto pelas lentes do Correio da Manhã

Gil Vicente Vaz Oliveira

137

Perfil Institucional

Centro de Arte Hélio Oiticica

Vanda Mangia Klabin

141

Bibliografia

A P R E S E N T A Ç Ã O

A década de 1960 marcou o século XX por se caracterizar como um tempo de profundas e marcantes transformações, que evocam, até hoje, mitos, ritos e símbolos.

No Brasil, pode-se dizer que a década iniciou em 1964, com o golpe que depôs o presidente João Goulart, levou ao poder os militares e o país a um longo período de ditadura, cuja fase mais aguda teve início em 1968. Esse ano, aliás, que para alguns não terminou, se caracterizou por um enfrentamento que colocou de um lado o governo e de outro estudantes, trabalhadores, a classe artística, parte considerável da imprensa e políticos de oposição. Foi um tempo de endurecimento da censura, fechamento do Congresso, prisões e perseguições arbitrárias que fizeram com que, em termos políticos, a década ultrapassasse os marcos cronológicos tradicionais. Mas, foram tempos também de uma rica vida cultural, de grandes grupos teatrais como Oficina e Arena, de peças como *Roda Viva*, *O rei da vela*, *Galileu*, *Galilei* e *Hair*, dentre outras. De festivais da canção que revelaram Mutantes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, MPB 4, Geraldo Vandré. Do tropicalismo. De talentos nas artes plásticas como Hélio

Oiticica, Carlos Zilio, Lígia Clark, Antônio Manuel, Lígia Pape, Carlos Vergara. Do cinema novo, Glauber, Nelson Pereira dos Santos, Rui Guerra, Júlio Bressane.

Para mapear um pouco os acontecimentos que fizeram da década de 1960 uma época tão marcante na história do Brasil, decidimos publicar nesse número da *Acervo* artigos que, tendo como horizonte de sentido o ano de 1968, podem colaborar para a compreensão de um período de dor e sofrimento, mas também de lutas e esperanças.

Abre este número uma entrevista com Paulo Affonso Martins de Oliveira, secretário-geral da Câmara dos Deputados em 1968, em que é analisado o contexto do movimento militar de 1964, os eventos que desencadearam a promulgação do AI-5 e a reação dos parlamentares ante o endurecimento do regime e a cassação de mandatos.

Os dois textos seguintes constituem relatos emocionantes de pessoas que viveram intensamente os anos de 1960. O artigo de Francisco Carlos Teixeira da Silva, de caráter mais pessoal, narra as vivências, descobertas e experiências do autor com relação às drogas, sexo, movimento estudantil, música, teatro e

política. O texto de Daniel Aarão Reis Filho, também centrado no ano de 1968, se detém na análise da participação de estudantes e trabalhadores na luta contra a ditadura militar.

O papel da censura na década de 1960 e, em especial, da censura cinematográfica pós-68, é o tema enfocado por Inimá Simões. É importante observar que, ao descrever os procedimentos dos técnicos do Serviço de Censura de Diversões Públicas, o autor acaba por revelar dois aspectos interessantes: primeiro, que os filmes que sofriam cortes ou eram censurados ou não possuíam, em particular, um caráter político; segundo, que os técnicos em questão, considerados os intelectuais da Polícia Federal, achavam-se em condições de exercer o papel de críticos, o que fazia dos seus pareceres verdadeiras pérolas do humor nacional.

A obra de Caetano Veloso e a continuidade existente na trajetória do compositor — fato por muitos contestado — é o centro da discussão empreendida por Santuza Cambraia Naves em seu artigo. Para ela, o Caetano de hoje não está distante daquele que exibía uma atitude iconoclasta e contestadora nos anos de 1960, não podendo ser acusado de conformista ou careta.

Tomando por base a produção de artistas plásticos brasileiros que marcaram a década de 1960, Franklin Pedroso e Pedro Vasquez dedicam seu artigo à análise da arte engajada e de vanguarda e de como

estes artistas questionavam o sistema de comercialização vigente e a relação entre eles e o público, buscando um contato mais estreito, que não se restringisse aos espaços de museus e galerias.

A partir do texto-manifesto de Glauber Rocha, *Uma estética da fome*, de 1965, que contém os pressupostos da estética cinemanovista, Andréa França e Liliane Heynemann refletem sobre as questões suscitadas pelo cinema nacional nos anos de 1960/1970.

O artigo de Márcio Scalécio envereda pelo pensamento das lideranças do Exército em 1968 tratando, sobretudo, das disputas internas travadas na instituição após o golpe de 1964.

Gil Vicente dedica sua análise ao jornal *Correio da Manhã* que, na década de 1960, em especial em 1968, se constituiu em uma das mais vigorosas vozes contra o governo militar. O autor destaca a atuação da equipe de fotógrafos do jornal que se caracterizava por intervir, propor e realizar as suas próprias matérias, desenvolvendo uma estética fotográfica que se tornou a marca daquele periódico.

Fecha esse número da *Acervo* o Perfil Institucional do Centro de Arte Hélio Oiticica, espaço cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro que abriga a coleção pertencente ao Projeto Hélio Oiticica, além de apresentar exposições de importantes artistas contemporâneos.

Maria do Carmo T. Rainho

Editora